



COMPLEXO DE SUPERIORIDADE NAS COMUNIDADES CRISTÃS

Adilson Santiago da Silva¹
Sandro Pereira²

RESUMO

Este artigo busca demonstrar a real importância do conhecimento dos ensinamentos bíblicos para compreender o comportamento humano, que se apresenta de forma contagiosa na busca pelo poder dentro das comunidades cristãs, reconhecer as artimanhas na elaboração e aplicação de algumas heresias por alguns líderes em suas comunidades, levantar as causas que levam as pessoas a tais comportamentos egocêntricos e conhecer algumas das piores consequências na vida das pessoas que são vítimas do abuso de poder por parte dos líderes, bem como da falta de amor cristão por parte dos membros das comunidades. O conhecimento teológico cristão e a conscientização conduzirão à compreensão de que todos os seres humanos são semelhantes, dependentes da graça de Deus e que, através deste, podem agir em defesa do genuíno Evangelho de Jesus.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja. Líderes. Ser humano.

ABSTRAC

SUPERIORITY COMPLEX IN CHRISTIAN COMMUNITIES

This article aims to demonstrate the real importance of the knowing biblical teachings in order to understand human behavior, which appears contagiously in the quest for power within the Christian communities, to recognize the wiles in the design and

¹ Engenheiro Civil (2006) e Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho (2012) pela UEM, graduado em Teologia (2014) pela FACEL e Mestrando em Desenvolvimento de Tecnologia pelo LACTEC. adilsantiago@hotmail.com.

² Professor Orientador, bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (2008) e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2012). sper1973@hotmail.com.



application of some heresies by some leaders in their communities, identify the causes that leads people to such egocentric behavior and knowing some of the worst consequences in the lives of those who are victims of power misuse on the part of leaders as well as the lack of Christian love by the community members. The Christian theological knowledge and awareness will lead to the understanding that all human beings are alike, dependent on God's grace and that through this, they are capable of defending of the genuine Gospel of Jesus.

KEYWORDS: Church. Leaders. Human.

1 INTRODUÇÃO

O estudo do tema “complexo de superioridade” nas comunidades religiosas cristãs faz-se importante devido aos problemas sociais, físicos, psicológicos e espirituais que acarreta à vida das pessoas nessas comunidades. As principais manifestações, geralmente, são apresentadas como supervalorização pessoal, manipulação, indiferença, exploração, doenças físicas e psicológicas, bem como a desistência de participar das igrejas em decorrência de diversas formas de frustração.

Justifica-se a necessidade de estudar o assunto para compreender por que o ser humano, por si só, apresenta um senso de importância, manifestado na busca pelo poder, por posição de destaque e por outras buscas supérfluas. Há pessoas que lutam para alcançar “um algo a mais” ou “algo mais importante na vida” e, muitas vezes, o fazem das piores maneiras possíveis, agindo sem ética, espiritualidade e amor.

O presente estudo tem os objetivos de: refletir sobre a natureza humana no que se refere ao comportamento e à motivação pela busca de poder; conhecer as causas e as consequências do complexo de superioridade nas igrejas cristãs e elaborar uma proposta em defesa do Evangelho para conscientização dos líderes religiosos, bem como dos seguidores para que compreendam que são seres humanos semelhantes aos demais, dependentes da graça de Deus. Espera-se, através desta proposta, cooperar com o desenvolvimento humano, social, intelectual



e espiritual minimizando a frustração e a desistência da religião, o que ocorre com muitos participantes de igrejas cristãs.

Buscando-se compreender o complexo de superioridade, serão analisados, sem a pretensão de esgotar o assunto, mas para fazer uma construção convergente ao tema, os pensamentos de alguns autores, como: Dale Carnegie, no livro **Como fazer amigos e influenciar pessoas**; Sonia Maria Lima Gusmão, no artigo **A natureza humana segundo Freud e Carl Rogers**; Marisa Lobo, com o livro **Psicopatas da Fé**; Júlio Fontana, no artigo **O que a tentação de Adão significa para nós hoje?** - ideias de Karl Barth entre outros; Paulo Romero, com os livros **Super Crentes e Evangélicos em crise**; Ricardo Gondim, no livro **É proibido – o que a Bíblia permite e a igreja proíbe**; e Chad Michell, em sua obra **A síndrome do super-homem**.

2 A NATUREZA HUMANA E O COMPLEXO DE SUPERIORIDADE

Pretende-se discutir, de maneira sucinta, a compreensão da natureza humana, bem como a sua distinção, dialogar com a ótica psicológica e respaldar com os argumentos teológicos cristãos.

2.1 A NATUREZA HUMANA

O ser humano distingue-se dos demais animais pela necessidade de sentir-se importante, conforme Carnegie (1981). O autor ainda destaca que essa necessidade torna-se tão agressiva que pode trazer enfermidades: “muitas pessoas se tornaram enfermas com a finalidade de conquistar simpatia e atenção, e desfrutar um ar de importância.” (CARNEGIE, 1981, p. 50).

De acordo com Carnegie (1981), toda pessoa de sucesso deseja: a luta, o desafio, a oportunidade para autoexpressão, a oportunidade de provar o seu valor para sobrepujar, para vencer. Por isso são motivadas a corridas de rua, exposições,



lutas e concursos de todas as espécies, pelo “desejo de sobressair, pelo desejo de sentir-se importante”. (CARNEGIE, 1981, p. 225).

Ainda que Carnegie apresente o desejo de ser importante como uma boa característica do ser humano, autores que se apoiam em Freud ressaltam sua visão pessimista em relação à má natureza humana. Para Gusmão, Freud era tão pessimista em relação à natureza humana que afirma:

Toda obra freudiana se apresenta repleta de afirmações que traduzem seu pessimismo com relação ao homem, quer quando se refere ao "princípio do prazer" quer quando se refere à repressão necessária para suplantar a marcante hostilidade presente (GUSMÃO, 1998, p.3).

Gusmão vê a natureza humana abordada de forma tão hostil por Freud, tanto na sociedade como também em relação a seus companheiros mais chegados, que chega a ver o amor ao próximo como algo contra a natureza humana, razão pela qual dependeria de um mandamento. Conforme Freud:

A civilização tem de utilizar de esforços supremos a fim de estabelecer limites para o instinto agressivo do homem e manter suas manifestações sobre controle por formações psíquicas reativas... Daí... O mandamento ideal de amor ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem. (FREUD, 2008, p. 117).

Ao estudar a teoria de Rogers, Gusmão depara-se com um posicionamento diferente do de Freud no que se refere à natureza humana. Enquanto Freud era pessimista, Rogers destaca grande confiança no homem, conforme a leitura de Gusmão:

Confiança, esta, que pode, à primeira vista, parecer ingênua, mas que é fruto de uma larga experiência clínica e comunitária, amplamente embasada e demonstrada através de gravações em *tapes* e filmes, além de resultados de pesquisas realizadas por ele e por seus colaboradores, em várias partes do mundo. (GUSMÃO, 1998, p. 7).

Ainda que Rogers se apresentasse otimista em relação à natureza humana, não era ingênuo quanto aos mais profundos instintos do homem, identificando-os como destrutivos. Rogers não queria ser mal compreendido e por isso afirmou:



Não tenho uma visão ingenuamente otimista da natureza humana. Tenho perfeita consciência do fato de que, pela necessidade de se defender de seus terrores íntimos, o indivíduo pode vir a se comportar e se comporta de uma maneira incrivelmente feroz, horrorosamente destrutiva, imatura, regressiva, antissocial, prejudicial (ROGERS, 1997, p.31).

Mesmo diante da consciência dos aspectos negativos da natureza humana, Rogers demonstra esperança a respeito do ser humano:

Mas um dos aspectos mais animadores e revigorantes da minha experiência é o trabalho que levo a cabo com indivíduos desse gênero, e a descoberta das tendências orientadas muito positivamente existentes neles todos, e em todos nós, nos níveis mais profundos (ROGERS, 1997, p.32).

Tomando-se como referência os posicionamentos de Freud e Rogers, no que se refere à natureza humana, adota-se neste trabalho, em consonância com os referidos autores, a tese de que o ser humano tem a sua natureza má.

2.1.1 A natureza humana de alguns líderes religiosos

Em análise do comportamento humano de líderes de comunidades religiosas cristãs, Lobo (2011) trata do que denominou como os “psicopatas da fé”, pessoas manipuladoras, sugadoras da fé e da alma humana, as quais se omitem e se escondem por trás da imagem do “bom moço” com o objetivo de ocultar a maldade da sua própria natureza. Não são de fato convertidos ao cristianismo, mas o usam como meio para realizar os seus desejos mais sórdidos. Em busca de poder e fama, são capazes de matar sonhos, dignidades e de cometer outras aberrações; tal comportamento é descrito pela autora:

Quando entram em igrejas, seus pensamentos estão em liderar, aparecer, cargos, ministérios, poder, dinheiro, manipulação, e vão fazer de tudo para manipular seus líderes através de falsa bondade e servidão, ou de uma extrema eficiência, para chegar aonde desejam (LOBO, 2011, p. 20).

Portanto, de acordo com Lobo (2011), tais pessoas não estão interessadas em um relacionamento pessoal com o Deus Criador, e sim possuem o mesmo



sentimento que destronou Lúcifer, isto é, “pelo prazer maligno de quererem não ser a imagem e semelhança de Deus, e sim de tornarem o próprio “deus” para as pessoas aqui na Terra.” (LOBO, 2011, p. 21).

2.1.2 A natureza humana segundo a Bíblia após a queda no jardim do Éden

Após uma introdução sobre a natureza humana segundo as visões freudiana e rogeriana e do resultado da análise de Marisa Lobo do comportamento de um grupo específico de líderes religiosos de comunidades cristãs, faz-se necessário apresentar uma abordagem da natureza humana de acordo com a Bíblia Sagrada.

Segundo Fontana (2005), o estudo do capítulo três do livro de Gênesis é importante para se conhecer mais sobre a dinâmica da tentação, do pecado e, principalmente, sobre a natureza do ser humano a fim de encontrar a aplicação do que consta na Bíblia para seres humanos da atualidade.

De acordo com Karl Barth (*apud* Fontana, 2005), as consequências do pecado dos primeiros pais foram grandes: “a queda e o afastamento de Deus, toma logo proporções graves” (p. 7). Isso cria uma dúvida na mente humana. Depois de Eva, todos nascem com a pergunta deixada pela serpente: “Foi isso mesmo que Deus disse?” (p. 7). Nesse caso, Eva trocou a certeza contida na palavra de Deus pela incerteza, pela dúvida, pelo desconhecido, abrindo o diálogo para a serpente e refletindo isso para toda a humanidade.

Fontana (2005) comenta que a decisão foi tomada pela mulher. Ela assumiu a responsabilidade. Ela não tirou a dúvida com Deus nem mesmo com a serpente. O ser humano confiou na sua própria intuição e seguiu no processo da tentação. Barth diz qual a condição do homem sem Deus após a queda:

A sua conduta e os seus costumes já não são morigerados, pois para o homem deixou de existir o padrão de aferição, o ponto de referência que fica acima dele, imutável distante e, sendo o seu deus igual a ele, o padrão é a sua imagem vista no espelho, porém ainda menos perfeita — ou melhor, inferior a ele mesmo, pelas distorções que o espelho naturalmente produz,



desencadeando uma degenerescência progressiva entre a imagem e a inspiração (BARTH, 2008, p. 60).

O texto da Bíblia sagrada que descreve o aspecto da tentação no livro de Gênesis, após o diálogo da mulher com a serpente, conforme Fontana (2005), menciona que quando “a mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e essa árvore era desejável para adquirir discernimento, tomou-lhe do seu fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que estava com ela, e comeu” (Gn 3.6). Podem ser destacados aspectos como: a cobiça da carne (boa ao apetite); a cobiça dos olhos (formosa à vista); e o desejo de discernimento (ser igual a Deus), e culminando, segundo Barth (2008): “...com o pecado original [quando o homem quis ser igual a Deus], o ser humano perde-se primeiro em si mesmo, presa de sua própria conduta...” (p. 53).

Esse parece ser o ponto alto da questão da queda. O querer “ser igual a Deus” permite concluir que o ser humano possui em sua natureza “o desejo de ser importante”, e que esse desejo não é fruto da queda, e sim que foi despertado e externado por meio do diálogo com a serpente. O desejo de ser importante foi fundamental para a queda, pois assim o ser humano não apenas desobedeceu a Deus, mas se rebelou querendo ser independente do Deus Criador, ou seja, “o homem cavou o fosso profundo do abismo em que se encontra e onde se esforça para igualar-se a Deus” (BARTH, 2008, p. 97).

Na visão de Fontana (2005), o texto sagrado não narra a depravação generalizada da natureza humana, mas uma separação definitiva do ser humano de seu Criador como consequência do “pecado original”, pois no meio do jardim do Éden havia duas árvores, a da vida e a do conhecimento do bem e do mal. Caso o ser humano comesse da árvore da vida, não só viveria eternamente, mas desfrutaria da perfeita comunhão com o Criador, e não deixaria de ter a sua imagem e semelhança, “no entanto, Deus em Cristo faz novas todas as coisas — e também ao homem, proporcionando-lhe a oportunidade de reassumir perante Deus a posição que teve antes da primeira queda, como se jamais caíra” (BARTH, 2008, p. 97).



2.2 ALGUNS REFLEXOS DO COMPLEXO³ DE SUPERIORIDADE NAS COMUNIDADES CRISTÃS

Nesta parte, serão discutidas algumas causas bem como as consequências do complexo de superioridade em algumas comunidades evangélicas que tanto têm prejudicado a vida das pessoas de boa fé que procuram encontrar o amor de Jesus.

2.2.1 *Algumas causas doutrinárias do Complexo de Superioridade*

As más interpretações e aplicações dos ensinamentos bíblicos são as principais causas da potencialização do complexo de superioridade: ênfase na prosperidade material e física; ambição pelo domínio político; criação de dogmas doutrinários como condição para agradar a Deus e supervalorização do ser humano em detrimento da divindade.

Conforme Romero (2007), a aplicação de doutrinas como “teologia da prosperidade”, “confissão positiva”, “ensino ou palavra da fé” ou “triumfalismos”, apresentada em seu livro intitulado **Super Crentes**, é a causa de graves problemas nas comunidades religiosas cristãs. Podem ser vistas igrejas pobres e líderes ricos, poderosos, gananciosos, cada vez mais distanciados da simplicidade de Cristo, assim como crentes doentes, confusos e em eternos conflitos.

A “confissão positiva” teve sua origem na antiga heresia conhecida como gnosticismo do século I e II desta era. O gnosticismo priorizava o conhecimento que era acessível somente aos iluminados por Deus. Adquiriu grande expressão, divulgação e sucesso de considerados líderes religiosos nos EUA desde o século XIX e ápice no século XX. No Brasil, o movimento iniciou a partir da segunda metade do século XX e atingiu seu ápice no final do século XX (ROMERO, 2007).

3 Visto que o termo “complexo” é da área da Psicologia, e não se pretende aprofundar no assunto, apresenta-se a definição do dicionário Larousse (2001, p.217), em que “complexo” significa, de acordo com a psicanálise: “Conjunto estruturado de elementos mnésicos inconscientes (sentimentos, tendências, etc.), que organizam a personalidade de cada indivíduo e determinam seus afetos, pensamentos e ações.”



Os pregadores dessa corrente orientam as pessoas enfermas a suspenderem o uso de remédios, instruem que a pessoa deve determinar a sua vitória, dizem “que Jesus foi um milionário e que a soberania de Deus é limitada pela vontade humana.” (ROMERO, 2007, p. 20). A proposta da “confissão positiva” é de que:

A marca do cristão cheio de fé e bem-sucedido é plena saúde física, emocional e espiritual, além de prosperidade material, e acrescenta que a pobreza e doença são resultados de visíveis fracassos do cristão que vive em pecado ou possui fé insuficiente (ROMERO, 2007, p. 20).

Outro aspecto é o interesse de “domínio político” pela igreja evangélica, alimentado por ideias norte-americanas e de pregadores da “teologia da prosperidade”. Pelo que diz Romero (1999, p. 148), “muitos evangélicos têm entrado para a política, entretanto, depois que assumiram, perceberam que legislar não é a mesma coisa que contar histórias bíblicas ou dar gritos de glória a Deus”. A igreja atual é comparada com a igreja da Idade Média, no período da pré-Reforma, no que refere à busca do poder temporal. Entretanto, o problema não são os cristãos na política, e sim a falta de preparo e o caráter duvidoso, visto que se apresentam defendendo a ideia de mudar o país, mas, infelizmente, não mudaram nem as suas próprias vidas (ROMERO, 1999, p. 12).

Gondim (1998) apresenta os problemas doutrinários na má interpretação e aplicação dos textos bíblicos através de dogmas de usos e costumes culturais, como regra de obtenção ou perda da salvação, o que deixa de lado a verdadeira essência do cristianismo:

Em determinadas igrejas, raramente o sermão expõe a Bíblia, pois quase sempre começa com um versículo e acaba tratando *do que pode e do que não pode*. Alguns ficariam estarecidos com o número de pessoas que sai pela porta dos fundos de suas igrejas, rejeitando e odiando o cristianismo, devido a esse rigor legalista sobre usos e costumes (GONDIM, 1988, p. 11).

O problema dogmático dessas denominações é agravado pela aplicação das disciplinas com acepção de pessoas. Gondim (1988,) comenta que “como as



lideranças evangélicas são masculinas, a maioria das proibições visa às mulheres”, (p.12) e ainda “em muitas ocasiões esses pastores, trajando um terno caríssimo e ostentando uma bela gravata importada (às vezes presa por um grampo de ouro), exigem simplicidade no trajar das mulheres”. (p.12) Em outros casos, “quanto mais rico o rebanho, menos policiamento; quanto mais pobre, maior a disciplina”. Os indivíduos são mantidos presos pelo medo e “diminuem a obra vicária de Cristo pelas exigências pesadíssimas que estes líderes impõem sobre as pessoas”. (p. 17).

O autor Chad Mitchell, em seu livro **A Síndrome do Super-homem** (2010), aborda alguns aspectos negativos no comportamento das lideranças: superestrelas que copiam os outros, arrogantes e interesseiros, vaidosos e egocêntricos, preconceituosos, entre outros. Tudo isso faz com que acabem perdendo a consciência de que são servos de Deus e não superestrelas.

Segundo Mitchell (2010), na busca desenfreada de ser alguém importante, os líderes exageram na busca de referencial, copiando os líderes de sucesso, tornam-se clones de plástico genéricos. E o autor acrescenta que pior do que serem imitadores é pensarem ser muito mais importantes do que realmente são:

Muito frequentemente, os maus cheiros de religiosidade, arrogância, hipocrisia e todas as fórmulas atrativas de doces fragrâncias não conseguem ser disfarçados! E as almas perdidas fora da igreja não são as únicas que sofrem por isso (MITCHELL, 2010, p. 68).

Como se vê, de acordo com Mitchell (2010), os líderes não são super-homens e, quando se portam assim, frustram a si mesmos, aos seus seguidores e aos não seguidores também. Representam aquilo que não são, tentam ser exemplos, mas acabam revelando suas dúvidas e fraquezas.

2.2.2 *Consequências do Complexo de Superioridade*

O complexo de superioridade na comunidade cristã tem causado consequências gravíssimas nas vidas das pessoas: problemas de saúde física e



psicológica, escândalos, evasão religiosa, violências, marginalização, revoltas, arrogância, hipocrisia, divórcio, vícios, tentações morais extremas, alienação, dependência e frustração. Alguns procuraram auxílio de profissionais da área psicológica, como no seguinte relato:

Temos recebido em nossos consultórios pessoas machucadas, frustradas, com baixa autoestima, depressão, em decorrência da irresponsabilidade de profissionais da fé, manipuladores, que mais querem promoção pessoal, realização de seus desejos narcisistas do que ensinar a Palavra de Deus, discipular com amor como a Bíblia ensina. (LOBO, 2011, p. 33).

Romero (1999, p. 49) comenta que líderes religiosos, no objetivo de influenciar os ouvintes através do *marketing*, colocam as celebridades “novos convertidos” para testemunharem seus “milagres”. Todavia, muitas destas testemunhas ainda não se aprofundaram no relacionamento com Deus e, conseqüentemente, geram escândalos pela falta de bons frutos. Têm ocorrido tantos escândalos que ser “evangélico” tornou-se pejorativo, conforme afirma Romero (2007, p. 13), “Hoje é motivo de chacota” e, por fim, o autor considera lamentável e vergonhoso ver pastores, bispos e apóstolos acusados de formação de quadrilha, lavagem de dinheiro, entre outros crimes.

Segundo Gondim (1998), muitos desistem de participar das igrejas devido ao legalismo religioso. O autor destaca uma pesquisa feita pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissionais de Proteção à Infância e Adolescência) do Rio de Janeiro, cujo resultado constatou que 33% dos casos registrados de agressão física contra menores ocorreram em razão do “fanatismo religioso”. A alta cobrança na igreja e em casa criou grande revolta nos jovens contra o Evangelho, os quais passaram a associar as ações de orar e ler a Bíblia a castigo. Muitos seguidores deixaram as igrejas e se tornaram mendigos, prostitutas, viciados e criminosos em pleno processo autodestrutivo, dentre eles, filhos de religiosos e de líderes.

Por outro lado, muitos líderes estão tão preocupados em aparecer, chamar a atenção, ter o poder, controlar, ser o foco de holofotes e câmeras, que passam a



adotar posturas arrogantes e constrangedoras, ofuscando a mensagem de Cristo (MITCHELL 2010, p. 17). Segundo o autor:

Os cristãos são mal vistos e frequentemente taxados de hipócritas. Julgamento, ódio, boatos e fofocas entre a comunidade cristã expressam a destruição na fé dos mais fortes entre nós e diminuem a eficácia do Evangelho. (MITCHELL, 2010, p. 132).

O problema da hipocrisia atinge tanto os mais fracos, novos convertidos e não cristãos, quanto os mais fortes, conforme Mitchell (2010). Muitos caem em fracasso e entram nas estatísticas da decadência do Evangelho; “há número recorde de líderes cristãos que passam por depressão e vontade de suicidarem-se, problemas de saúde devido ao estresse, divórcio, vícios e tentações morais” (MITCHELL, 2010, p.147).

Para Lobo (2010), a mídia pode, muitas vezes, influenciar o comportamento das pessoas para o bem ou para o mal. De modo semelhante, muitos líderes influenciam as pessoas deixando-as alienadas, dependentes, excluídas e frustradas. Nessas condições, deixam de viver a ética de modo geral, segundo o padrão estabelecido para se viver em sociedade e extensível às comunidades religiosas:

com a igreja não é diferente. Teríamos que ter ética ao estabelecermos regras de convivência dentro das igrejas, mas infelizmente alguns líderes religiosos se deixam levar pela ganância, pelo ego, pelo narcisismo, megalomania e poder; e quando isso acontece, alienam sim seus liderados, e não é por amor de Deus. (LOBO, 2010, p. 66).

Pelo pensamento de Romero (2007, p. 100), o “Movimento da Fé” exalta mais o homem que a Deus, cria um reino humano orgulhoso que prega “o que eu posso fazer em nome de Jesus”, abandonando as fronteiras do verdadeiro cristianismo. A exemplo dos líderes, as pessoas se supervalorizam, desprezam, ridicularizam e ignoram os seus semelhantes.

3 ALGUMAS PRÁTICAS DO COMPLEXO DE SUPERIDADE NÃO SE SUSTENTAM DE ACORDO COM BÍBLIA



A “teologia da prosperidade” é contestada e refutada, pois, de acordo com Romero (2007,), mesmo com argumentação baseada nas escrituras sagradas, não se sustenta como princípio relevante das doutrinas Bíblicas devido às contradições teológicas, controvérsias e graves rastros de tragédias acarretadas sobre os seguidores do Evangelho, principalmente pela contraposição aos conceitos referentes à natureza humana, à soberania de Deus, à pessoa e obra de Jesus.

Enquanto a confissão positivista, linha de pensamento da “teologia da prosperidade”, diz que a pessoa nem sequer pode falar de doenças e/ou qualquer coisa negativa, pois tais afirmações indicam falta de fé e tornam-se realidade, a Bíblia registra pessoas que, em momentos de dificuldade, acabaram externando suas angústias e tristezas sem que tornasse realidade o mal que confessaram. São exemplos: Jacó (Gn 42.36), o qual afirmou que seu filho José estava morto, sendo que governava no Egito; Davi, antes de ser rei (1Sm 27), que perseguido por Saul, tornou-se extremamente negativo e procurou refúgio em Gate; os três jovens na fornalha de fogo ardente do rei Nabucodonosor (Dn 3.16,18) (ROMERO, 2007).

Romero (2007) comenta que até mesmo diante de Jesus houve pessoas que não proferiram somente palavras positivas, como o pai do jovem que possuía o espírito mudo (Mc 9.17-27). Ainda assim, Jesus realizou um milagre. O apóstolo Paulo nem sempre foi positivo, visto que chegou a afirmar que era o principal dos pecadores (1Tm 1.15) e, diante de seus problemas pessoais, orou ao Senhor e a resposta foi: “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12. 7-10).

A saúde perfeita garantida pela expiação de Jesus na Cruz (Is 53.4-5) consiste em exegese (interpretação) equivocada do texto sagrado, visto que *sarar* (em hebraico, *napha*), refere-se à cura física ou espiritual, dependendo do contexto. O texto sagrado refere-se às enfermidades ligadas às transgressões e iniquidades, logo a cura, nesse sentido, é espiritual. E ainda, antes da expiação na Cruz, Jesus curou muitas pessoas. A enfermidade não é necessariamente falta de fé ou pecado,



pois mesmo os homens de Deus marcados por grande feitos sobrenaturais passaram por adversidades. Por exemplo: o profeta Elizeu (2 Rs 13.14-21) morreu em consequência de enfermidade; o íntegro Jó (1.12,16; 13. 15) perdeu todos os seus bens financeiros, filhos e saúde física; Timóteo (1 Tm 5:23) tinha problemas no estômago, etc. (ROMERO, 2007).

A doutrina da soberania de Deus, que afirma que Deus é supremo tanto em governo quanto em autoridade sobre todas as coisas, é desprezada pelos “ensinos da fé” quando estes aplicam os verbos exigir, decretar, determinar, reivindicar para substituir os verbos pedir, rogar, suplicar, etc. Diz o texto de João (14.13-16): “tudo que pedirdes em meu nome ao Pai, isso farei...”. O próprio Jesus não fazia a sua própria vontade e sim a do Deus Pai, como registram os Evangelhos e, ainda, quando Jesus ensinou seus discípulos a orar, instruiu-os a dizer “faça-se a Tua vontade, assim na terra como nos céus” (ROMERO, 2007).

De acordo com Romero (2007), Jesus não era rico, não usava roupa de grife, não morava em grandes casas. Seu ministério não era afortunado e não tratava os pobres como amaldiçoados. Quando Jesus foi apresentado ao templo diante do sacerdote, seus pais apresentaram um par de rolas e dois pombinhos, como determinava a lei, oferta de pobre (Lc 2.24; Lv 12.8). A Bíblia diz que sempre existiriam pobres na Terra, mas que o povo de Deus deveria cuidar do pobre (Dt 15.11; Mc 14.7; 1Co 11.22). Jesus não tinha dinheiro para pagar os tributos a César (Mc 12.14-16). O mestre não tinha onde reclinar a cabeça (Lc 9.58). O jumento que Jesus entrou montado em Jerusalém, além de não ser um Cadillac, era emprestado. Pedro e João na porta do templo Formosa não tinham dinheiro para dar esmolas ao coxo, mas estavam cheios do poder para fazer a vontade de Deus (At 3. 1-8). O Mestre ensinou a buscar primeiro o reino de Deus (Mt 6.33) e não ficar demasiadamente preocupado com as coisas materiais, pois Deus, o Todo poderoso tem cuidado da sua imagem e semelhança.

Ainda que o dízimo seja uma prática legalmente instituída e praticada no período do Antigo Testamento (Hb 7. 5 e 12), de acordo Lobo (2010), o dízimo e as



ofertas são bíblicos e necessários para manter a igreja, a propagação do Evangelho, o “ide do Senhor”, bem como fazer ação social; não para pagar prêmios, viagens e enriquecer líderes. As pessoas não precisam pagar milagres ou salvação, o maior preço já foi pago, “Jesus Cristo na cruz do Calvário”:

Não podemos ser ignorantes a ponto de não termos a consciência de que esses homens que se dedicam às igrejas em tempo integral precisam de salário para sobreviver, para se manter com dignidade, e é nossa oferta que proporciona esse bem-estar, isso é importante (LOBO, 2010, p. 46).

A interpretação da expressão “fazer prova de mim” do texto de Malaquias (3:10) em referência ao dízimo e à oferta como “fazer prova de Deus”, exigir de Deus a prosperidade financeira, está errada. A melhor aplicação é “Experimentem! Deem oportunidade para provar que isso é verdade!”. Nesse caso, Deus quer despertar a fé e a confiança dos seus seguidores, além de gratidão; quer que eles se desprendam do amor ao dinheiro e aos bens materiais e confiem em Deus, no seu amor e poder para abençoar e cuidar deles (MAGELA *apud* LOBO, 2010, p. 45-).

Quanto ao legalismo religioso, é preciso a graça de Deus para entender que “a cultura como parte da nossa humanidade, traz reflexos da imagem de Deus. No entanto, também participa de nossa natureza caída. Não se pode *a priori* condenar toda a cultura, mas os cristãos necessitam saber julgá-la”. (GONDIM, 1998, p 21) Do contrário, estarão vulneráveis ao fermento do “legalismo farisaico”. O grande desafio para os evangélicos é o de *não* condenar ou afastar-se da cultura por medo de ceder ao mundanismo. Ser evangélico não significa pertencer a uma cultura própria e separada, pois “Cristo nunca intencionou isso, tanto que na sua oração sacerdotal de João 17, ele pediu ao Pai que não tirasse as pessoas do mundo, mas que as livrasse do mal” (GONDIM, 1998 39).

Gondin (1998) comenta que a palavra “ vaidade ” analisada no original grego e hebraico e suas variantes de aplicação nas escrituras significam vazia e oca; a vaidade pode ser impressionante, mas é vazia, vã, passageira e perecível, não tem aplicação necessária quanto aos usos e costumes. O mundanismo, na compreensão



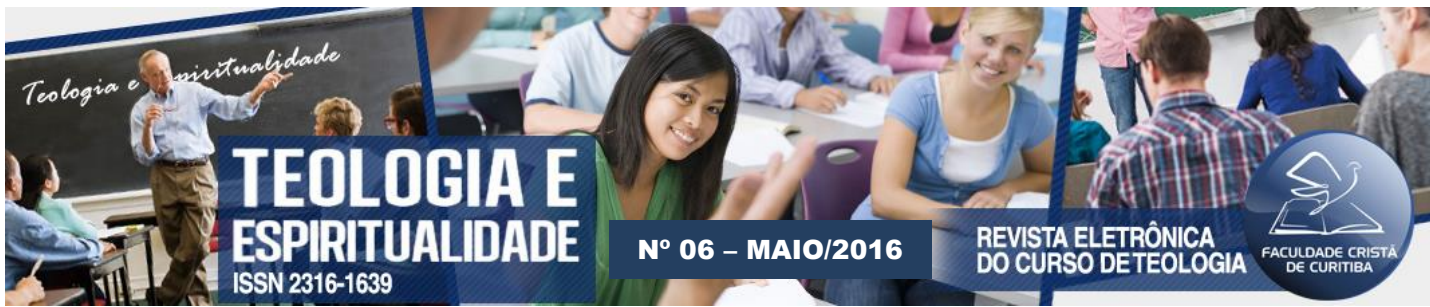
do imperativo bíblico “não ameis o mundo” escrito em João (2.17-17), não é o mundo físico, muito menos as pessoas que, embora tenham efeitos da queda, foi Deus quem as criou perfeitas. João (3.16) declara que Deus ama o mundo com seu amor infinito. O mundo que deve ser resistido e refutado é um sistema (cosmo) que se opõe ao reino de Deus.

O amor de Deus está acima de qualquer condição, pois “quando tentamos ser bons e não conseguimos ser tão bons quanto desejávamos, não perdemos o amor de Deus”; (GONDIM, 1998, p. 161). Quando a pessoa aceita a Jesus e realmente quer seguir o seu caminho, há transformação na sua vida, “uma vez que o velho homem (nossa natureza pecadora) é crucificada em Cristo, o Espírito Santo implanta uma nova natureza no coração, fazendo desse homem uma nova criação” (GONDIM, 1998, p. 161).

A santidade, conforme Gondim (1998), tema bíblico concernente aos convertidos, deve ser entendida e buscada diariamente com humildade e graça de Deus. Deve-se manter o equilíbrio e não uma vida cheia de picos nem sob carga exagerada de pesadas leis, estatutos e normas, com base na afirmação de Efésios (2. 4-8) de que “a graça de Deus não exige, não cobra, mas capacita”, Gondim ainda diz:

Sempre que a graça de Deus não é reconhecida e nossa santidade é atribuída ao “nosso esforço humano, origina-se a ostentação, inflação do eu, soberba que faz a pessoa colocar-se em primeiro lugar; surge o artificial, o teatral, as máscaras, a complicação no trato e a preocupação neurótica pela própria imagem” (GONDIM, 1998, p. 156).

Segundo Mitchell (2010), os líderes e religiosos devem se esforçar para levar as pessoas a Cristo e não priorizar pelos seus ministérios, pois “Deus nos chamou para compartilhar o Evangelho de Cristo, e não tirar vantagens!” (p.5) Por considerar que os líderes não são super-homens, o autor aconselha: “Deixe esse ego! Seguir Jesus não é uma competição, mas sim viver simples e humildemente sob a graça que Ele nos dá livremente. A humildade conflita com a percepção de grandeza do mundo e renega a ambição e a prepotência.” (p. 22) E acrescenta: “vamos tirar a



capa da superioridade e olhar para dentro de nós mesmos por alguns minutos”. (p. 53) A humildade dos líderes mostra igualdade com o próximo e que todos dependem da mesma graça, conforme Mitchell, já que:

À medida que eu sou sincero e honesto a respeito dos meus próprios esforços e minha necessidade por Sua graça, outros veem que é Cristo em mim – que sem Ele, nada sou. E eles se ligam ao Salvador. Em nossa honesta humildade, Cristo é exaltado (MITCHELL, 2010, p. 138).

Os líderes devem ser vistos, acima de tudo, como fiéis a Deus, humildes, transparentes e sinceros. Devem procurar deixar um legado de bom exemplo, para levar as pessoas ao amor de Cristo. Não bastam apresentações aparentes e discursos bonitos, é necessário viver de acordo com o Evangelho, mostrar o Amor de Cristo na prática, acima de toda e qualquer coisa. Mitchell trata da importância do legado:

Nosso legado não é encontrar em nossa habilidade de vestir nossas capas de super-homens para que possamos alcançar e superar o impossível. Nosso único objetivo é colocar nosso Salvador acima de tudo para que possamos apontá-LO para os outros. Nosso legado duradouro e de vida é Jesus Cristo e somente Cristo. Todos que vêm atrás de nós devem nos ver como fiéis porque Ele é fiel para sempre (MITCHELL, 2010, p. 198).

Conforme apresentado, a conscientização é urgente para que realmente seja pregado um Evangelho mais autêntico e as pessoas possam ver Jesus na vida de cada cristão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo pode-se concluir que o desejo de ser importante, isto é, o “complexo de superioridade”, é inerente à natureza humana e foi potencializado com a “queda” no jardim do Éden. No entanto, por meio do livre arbítrio qualquer pessoa pode escolher melhorar e contar com a graça de Jesus para obter o autocontrole.

Os “psicopatas da fé” possuem natureza semelhante aos demais, “desejam ser importantes”, porém sem ética, espiritualidade, domínio próprio. Quando



eminentes e/ou no poder, intensificam seu complexo, desprezam, menosprezam, inferiorizam, ignoram e, às vezes, exploram os seus semelhantes.

Equivocadamente, também apresentam este complexo os pregadores da “teologia da prosperidade”, pois não conhecem de verdade a Jesus e a proposta do cristianismo, fazem mau uso do Evangelho em benefício próprio. Não é coerente pregar a mensagem de um reino espiritual e priorizar o acúmulo de tesouro na Terra.

De modo semelhante, os legalistas, super-homens egocêntricos, ainda não tiveram um encontro genuíno com Cristo, pois conhecer a Cristo leva o ser humano primeiramente a conhecer a si próprio. Conhecer a si próprio significa conhecer não apenas as virtudes, mas também as fragilidades e os erros próprios. Conhecer a Jesus proporciona: reconhecer a dependência da graça de Jesus para manter uma vida espiritual saudável; considerar o próximo como superior a si mesmo; e seguir o exemplo de humildade do mestre Jesus que, sendo semelhante a Deus, escolheu servir e, por amor, deu a vida pelos humanos para reconstruir a aliança quebrada no Jardim do Éden.

Portanto todos, líderes e seguidores do Evangelho de Cristo, devem buscar conhecimento com a finalidade de compreender quão perfeita, boa e agradável é a vontade de Deus para que não usem o Evangelho em benefício próprio, nem sejam manipulados e/ou explorados por heresias, legalismos e hipocrisias. Espera-se que, adquirindo essa compreensão, também se esvaziem do orgulho e priorizem levar o amor de Cristo a todas as pessoas, pois Cristo ama sem aceitação e está interessado em manter um relacionamento pessoal de paz, amor, felicidade e esperança com toda e qualquer pessoa.

REFERÊNCIAS

BARTH, K. **Carta aos Romanos: Comentário bíblico**. 7. ed. São Paulo - SP: Fonte Editorial, 2008.

BÍBLIA de Jerusalém. Português. Nova edição, revista e ampliada. 8. imp. São Paulo - SP: Paulus, 2012.



CARNEGIE, D. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**: Autoajuda. 45. ed. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1981.

FONTANA, J. *O que a tentação de Adão significa para nós hoje?* Revista de Teologia e Cultura / Journal of Theology & Culture, n. 2, out./nov./dez. 2005. Disponível em <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/tentacao_adao.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2013.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro - RJ: Imago, 2008.

GONDIM, R. **É proibido: O que a Bíblia permite e a igreja proíbe**. 1.ed. São Paulo- SP: Mundo Cristão, 1998.

GUSMÃO, S. M. L. *A natureza humana segundo Freud e Carl Rogers*. Disponível em <<http://gruposerbh.com.br/textos/artigos/artigo22.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

LAROUSSE. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LOBO, M. **Psicopatas da Fé: Manipuladores do Evangelho**. 1.ed. São Paulo - SP: Fôlego, 2010.

MITCHELL, C. **A síndrome do super-homem: As lutas e armadilhas do ministério super-herói**. 1.ed. São Paulo - SP: BV Books, 2010.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa: Aconselhamento, psicoterapia centrada no cliente**. 5. ed. São Paulo- SP: Martins Fontes, 1997.

ROMERO, P. **Super Crentes: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade**. 7. ed. São Paulo- SP: Mundo Cristão, 2007.

_____. **Evangélicos em crise: Decadência doutrinária na igreja brasileira**. 4. ed. São Paulo - SP: Mundo Cristão, 1999.